

## Risos e lágrimas do humor português

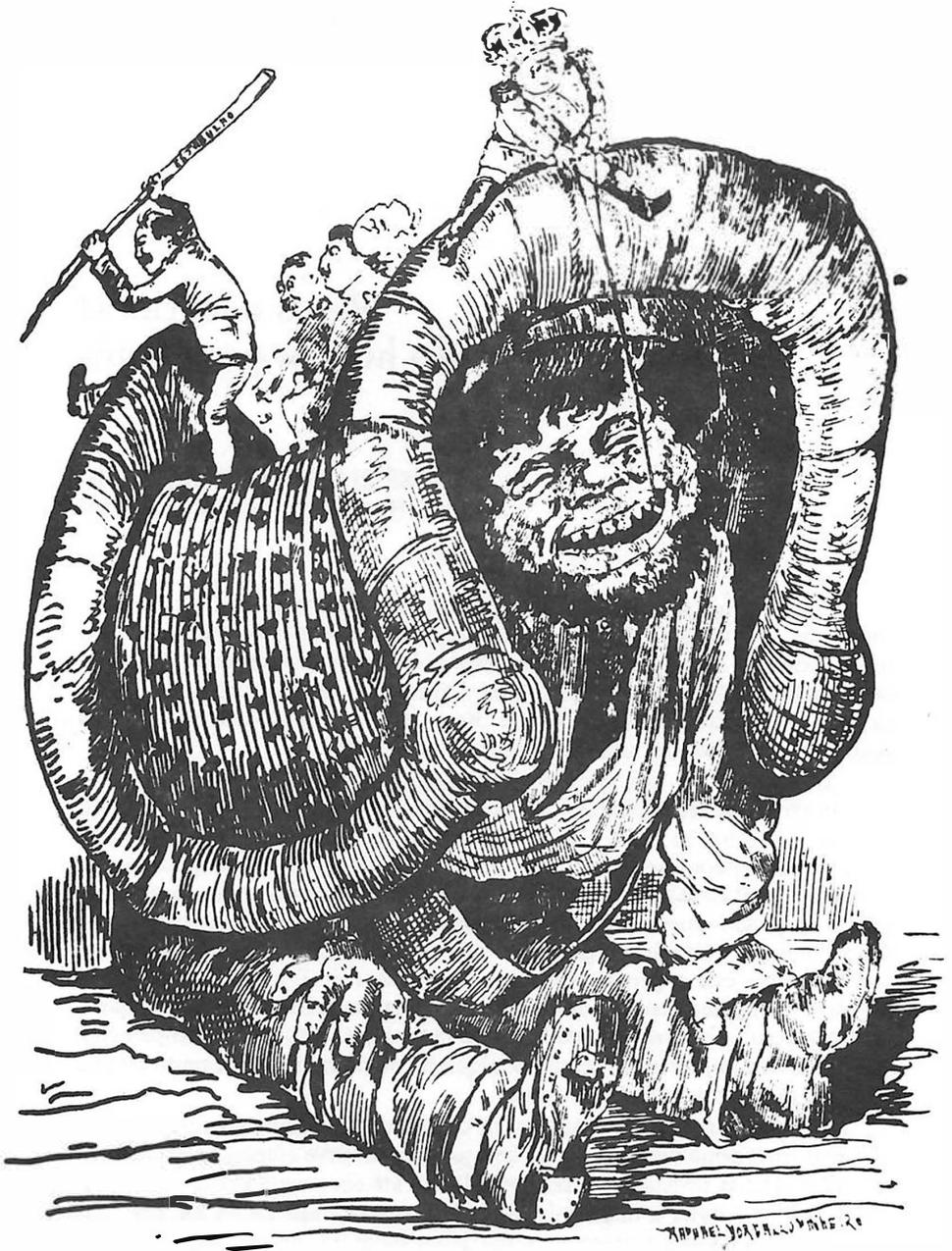
JOSÉ ALBERTO BRAGA (JAAB)  
Humorista, jornalista e escritor

O que é um humorista? Certamente um “expert” na arte de fazer rir, ainda que a definição, além de vulgar, seja insuficiente. Um humorista, em toda a acepção da palavra, teria uma pitada de cômico, um adendo de risista, um apêndice farsista, uma incontrolável veia satírica, além da dubiedade irônica. Por isso é que é mais fácil fazer passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que encontrar um – autêntico – humorista.

Como o velho samba que não se aprende no colégio, assim também o humor não pode ser assimilado nas academias literárias, muito embora o verdadeiro humorista se valha dos seus profundos conhecimentos, teóricos e práticos. E para encontrar a verdadeira pedra filosofal do seu humor, o farsista & cômico & risista e & humorista é obrigado a realizar uma estranha alquimia, da qual o resultado parece por vezes impreciso, ou pelo menos impossível de definir. Porém, a exemplo do gato que o é porque mia, do mesmo modo o humorista ganha este cognome porque consegue fazer rir. E quando o humorista faz rir – sem fazer pensar – nada mais é do que um simples cômico. Já quando faz pensar, sem fazer rir, pode ser um respeitável filósofo um simples chato, jamais um humorista. Porque na alquimia ou no humor, o segredo está na fórmula, nunca totalmente decupada.

Difíceis e tortuosos têm sido os caminhos do humor português. Se as camadas mais populares sempre deram vazão à sua verve cômica (perfeitamente registrada nas revistas de teatro popular ou até em programas radiofônicos, que procuram captar a malícia ingênua do povo), a classe média sempre mostrou dificuldades em apresentar a sua autocaricatura, de tal maneira que as poucas tentativas foram não raro repelidas com veemência. E quanto à elite

Depois das eleições



A' vontade de seu dono.

dirigente, essa raramente teve a oportunidade de rir de si mesma, até porque nunca foi dada a tal liberalismo: E nós sabemos como é triste o ser humano que não consegue rir de si próprio. . .

A tradição humorística portuguesa pode ser captada em Fernão Mendes Pinto, Bocage, Eça de Queirós e Rafael Bordalo Pinheiro. O humor português encontrou em Eça de Queirós um verdadeiro exímio da palavra, ainda que a intenção do autor de “A Relíquia” fosse menos fazer humor, e mais caricaturar determinado substrato populacional. E quanto a Rafael Bordalo Pinheiro, o genial criador do “Zé Povinho”, passou à História da caricatura portuguesa como uma espécie de exorcista de um povo habituado a sofrer com os desmandos políticos dos mais poderosos: “Zé Povinho, a tal besta que geme e paga e não bufa”(1).

Na realidade, o Zé Povinho pretende lavar a alma dos mais simples, ainda que após o riso e o deboche, surja a inexorável frustração. É que o Zé Povinho não pretende mudar o contexto social, mas simplesmente arrancar uma boa casquinada, ainda que quase sempre à custa de si próprio. Como diz José Augusto França, “o ambíguo da sua figura, físico, profissional, ideológico, topológico, talha-o para a significação necessária: mais do que um símbolo sociológico, ele é um signo com a sua carga própria e determinante, no plano das mentalidades. E é um mito também, que reúne em si nas potencialidades positivas e negativas duma nação que se autodefine como generosa e boa, e se vê morrer, realisticamente, de ignorância e indiferença numa História sofrida. . .”. “Mutati mutandis”, o Zé Povinho de ontem (Bordalo Pinheiro) continua a ser o Zé Povinho de hoje (desenhado por João Abel Manta, por sinal o cartunista português mais expressivo).

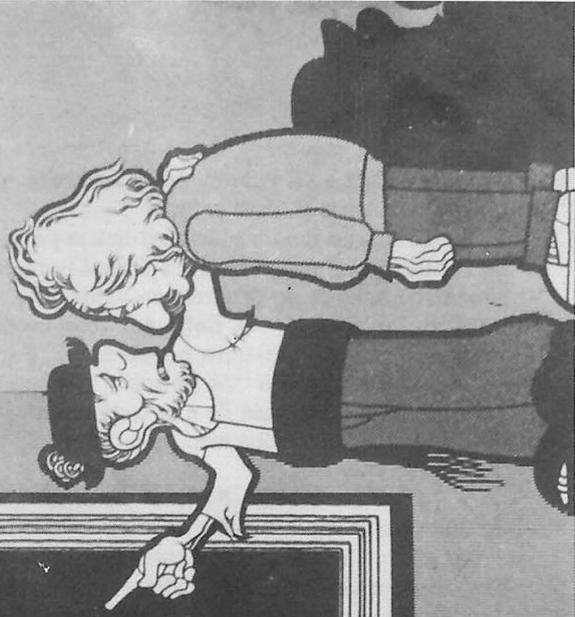
Com as conhecidas dificuldades provenientes da censura, o humor português das últimas décadas concentrou-se basicamente na crítica aos costumes. Dentro da já assinalada tradição popular, surgiam os autores de teatro de revista, fiéis depositários de humor ingênuo e descontraído, sem maiores pretensões literárias. Além disso, a revista semanal “Os Ridículos”, dava vazão a um humor que gozava uma variedade de assuntos, que incluíam dos Serviços Municipais às artimanhas do Zé Povinho, embora raramente dirigisse um chiste mais contundente ao “establishment”, aparentemente definitivo. Daí que continuam atuais as palavras do escritor Ramalho Ortigão, publicadas em 1882, e nas quais definia toda a tragédia do Zé Povinho (de ontem e de hoje): “Um dia virá talvez em que ele mude de figura e mude também de nome para, em vez de se chamar Zé Povinho, se chamar simplesmente Povo. Mas muitos impostos novos, novos empresários, novos tratados e novos discursos correrão na ampulheta constitucional do tempo antes que chegue esse dia tempestuoso”.

Com o “25 de abril”, surgiram diversas revistas de humor, todas elas sustentadas no entusiasmo momentâneo. “Pufas”, “Pé de Cabra”, “O Coiso”, e outras de menor expressão. Todas elas sumiram do mercado, inclusive o suplemento de humor do jornal “República”, fundado muito tempo antes da revolução e que todos os fins de semana alegrava os lisboetas, aficcionados da arte risonha e franca.

Porque morrem as publicações humorísticas portuguesas? O humorista sabe que não se define o indefinível, mas a sociologia não aceita simplismos a

"Equação VI a 14 incógnitas"

$$\sqrt[3]{\frac{(\text{Antunes-Alves})^4}{\text{Rosa} \times \text{Costa}} \times \frac{\sqrt{\text{Zenha-Campinos}}}{\text{Cardoso} \times \text{Rosa}}} = \sqrt{\text{Borges} + \text{Mota}}^2 - \text{Oliveira} + \frac{\text{Santos}}{\sqrt{\text{Farinha} \times \text{Carvalho}}}$$



varejo, quando o cerne da questão se encontra no atacado. O fato é que o povo português, de índole triste, sempre revelou dificuldades em realizar a sua autocrítica, projetando nos outros o produto de suas mazelas (como diz Sartre, o inferno são os outros). Daí talvez o pouco sucesso dos humoristas, não raro mal compreendidos e insuficientemente apoiados. E quando se “acendeu a candeia do entendimento”, Portugal não estava preparado para um “strip-tease” sobre si mesmo, daí a **continuação** do vazio humorístico.

### Santos Fernando, o quixote vitorioso

Herdeiro da verve queirosiana, Santos Fernando marcou decisivamente as duas últimas décadas do humor português, graças à criatividade e ao “non-sense” inseridos em seus contos. Dono de um “timing” invejável, ele dominou praticamente sozinho o gênero, deixando centenas de crônicas e mais de uma dezena de livros. Além disso, participou ativamente do humor radiofônico, contribuindo com excedentes diálogos para programas eminentemente populares.

Morto prematuramente, em 1975, Santos Fernando chegou a usar o “25 de abril” como assunto de suas crônicas, muito embora seu estilo simbolista e/ou surrealista saísse prejudicado no “punch” direto. O fato é que Santos Fernando esgotara um ciclo e, embora fosse técnica e potencialmente capaz de dar um “volte face” na sua carreira literária, revelava um certo “esgotamento” criativo. Por isso mesmo, seu último livro, “Sexo 20”, é um desboninar de situações mais ou menos rotineiras, acrescido de alguns particularismos inerentes à fase revolucionária vivida. Porém, registre-se: este seu trabalho não chega a comprometer o todo de sua obra.

Colaborador de longos anos do jornal lisboeta “Diário Popular”, Santos Fernando acabou sendo descoberto para o Brasil pelas mãos de Millôr Fernandes, que se confessa admirador de suas crônicas. Publicado semanalmente no “Pasquim”, Santos Fernando obteve sucesso imediato. O surrealismo, o absurdo, o simbolismo de seus contos, revelavam dimensões inusitadas. Era a colocação do homem nas mais diversas situações, do óbvio ao paroxismo. Com Santos Fernando os objetos ganham vida e se incorporam naturalmente ao universo dos personagens. É o trem que corre pela linha do infinito, o barco que atravessa a rua todos os dias e à mesma hora, a sarjeta no roupeiro, o fogo no coração, o especialista em tiros aos cucos de relógio, enfim, um sem número de situações absurdas, mas “suis géneris”, além de extremamente divertidas. Mais do que o riso, Santos Fernando extrai o sorriso reflexivo, obrigando o leitor a um sério questionamento da condição humana.

Livros como “Seis Gramas de Paraíso” (1959), “Tempo de Roubar” (1964), “Absurdíssimo” (1972), e “A Árvore dos Sexos” (1974), pertencem, para sempre, ao acervo humorístico português. Mas foi com “A Sopa dos Ricos”, editado em Lisboa e no Rio de Janeiro, que Santos Fernando obteve a sua consagração. Desde sua primeira publicação “A, ante, após, até” (1957), até “Sexo 20” (1975), Santos Fernando cumpriu a trajetória mais rica do humor literário português contemporâneo.

\* *A Árvore dos Sexos* está sendo filmada no Brasil, por Silvio Abreu. (nota do editor)

Alexandre O'Neill (poeta), Mário Henrique-Leiria (poeta e artista plástico) e Luís Sttau Monteiro (jornalista e teatrólogo), deram contribuições esparsas ao humor português, mas infelizmente não mostram interesse especial pelo assunto, dando às suas colaborações características puramente circunstanciais. De resto, os jornais portugueses provam diariamente o vazio humorístico, já que o gênero está entregue a meia dúzia de cartunistas de pouca monta, excetuando-se João Abel Manta, Antonio e Sam. E no plano literário, o panorama é simplesmente desalentador.

Deste modo, resta-nos homenagear Santos Fernando, não só pela obra incomparável que nos deixou, como também por se tornar uma espécie de quixote vitorioso, conseguindo vencer os moinhos de vento da intrínseca tristeza lusa.



Santos Fernando (1927-1975).

De resto, se é verdade o aforismo de Santos Fernando — “o humorismo é uma lágrima entre parêntesis” — ela deve ser derramada com certa alegria, pois vem alicerçada numa clarividência comovedora, surpreendente até para os mais íntimos das coisas do pensamento.

E com vocês, o pensamento de Santos Fernando:

- A formiga rouba o indispensável. O homem, esse, rouba o supérfluo. O homem é detido, a formiga é esborrachada. O homem, num tribunal de formigas, seria absolvido porque há sempre defesa para os grandes. Uma formiga, no tribunal dos homens, não teria um mínimo de possibilidades porque um homem traz um juiz severíssimo na sola de cada sapato.

- O frio era intenso e toda a tarde chovera crisântemos e os campos cheiravam a pastos sem vacas e sem metáforas e ainda sem pastos, o que inibia as polícias de passarem mandados de captura contra a natureza revoltada.

- O humorismo é uma lágrima entre parênteses.

- De época para época tudo se complica e, hoje, uma máquina fotográfica já é um acessório dos acessórios duma máquina fotográfica.

- A honestidade é tão relativa que, se houvesse um Tribunal de Química, o hidrogénio seria condenado por roubar o oxigénio ao anidrido carbônico.

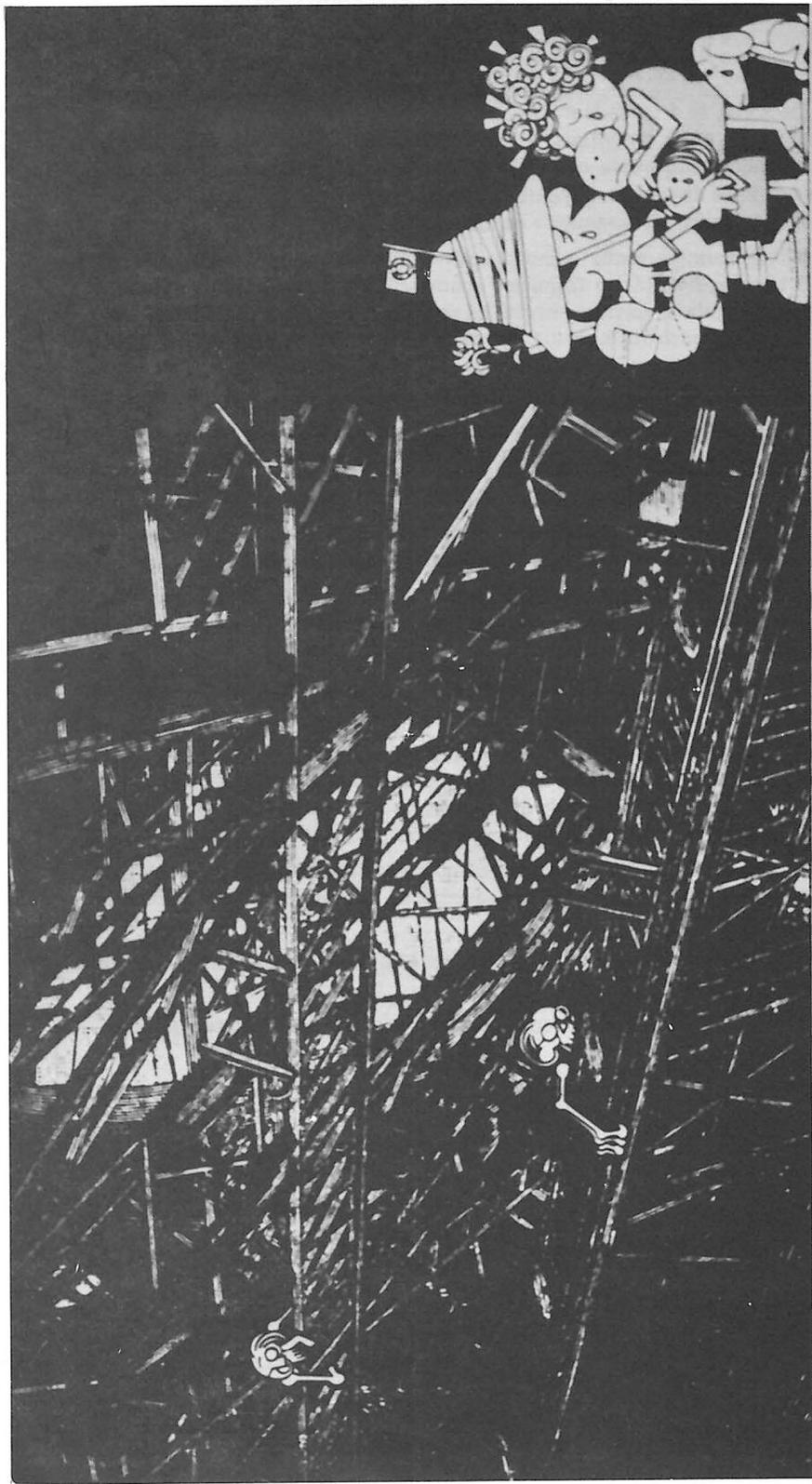
- Livro de cheques é um volume de leitura fácil mas de personagens difíceis.

- Não se é artista por passar por Montmartre e copiar as margens do rio dos amantes, como se não é herói por passar sob o Arco do Triunfo, e don Juan por ter tocado o ombro de Marilyn Monroe. O artista nasceu artista e é pena que, na maioria das vezes, tenha de morrer comerciante.

- Se na Terra não houvesse poetas, toda a humanidade seria composta de polícias, disse alguém que se esqueceu de que existem ainda profissionais de escritório.

- As mulheres são como as piscinas: têm de se conhecer até ao fundo para não perdermos a cabeça.

- A política é um paradoxo, embora um paradoxo não seja política.



idade portuguesa despedindo-se da família antes de se orientar na leitura de uma crítica enigmática

Cartoon de João Abel Manta.